

# VIVENDO LIVROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA INFANTIL E JUVENIL

LIVING BOOKS: EXPERIENCE REPORT ON THE IMPLEMENTATION OF A CHILDREN'S  
AND YOUTH LIBRARY

VIVIENDO LIBROS: INFORME DE EXPERIENCIA SOBRE LA IMPLEMENTACIÓN DE UNA  
BIBLIOTECA INFANTIL Y JUVENIL

Fabiana Priscila dos Santos Ferreira<sup>1</sup>  
Mariana Cortez<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho reflete sobre a implementação de uma biblioteca voltada ao público infantil e juvenil, especialmente em relação às práticas de mediação de leitura literária desenvolvidas. A biblioteca para a infância e a juventude iguaçuense, objeto-descrição, é compreendida como um espaço não formal de educação (GADOTTI, 2005) que tem o intuito de favorecer a formação do leitor literário ao mesmo tempo em que fortalece os vínculos entre os usuários, enraizando a biblioteca comunitária induzida pela universidade. Assim sendo, a principal atividade promovida no local são as mediações literárias, que buscam oferecer experiências sociais e afetivas pautadas principalmente nas contribuições de Aidan Chambers (2007), adaptadas ao contexto social e educativo do novo equipamento cultural em um bairro popular na fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai. Para tanto, problematiza-se experiências de leitura de livros ilustrados que seguem as etapas concomitantes de ambientação, isto é, a preparação do espaço com elementos que remetem à história a ser lida; em seguida, faz-se a leitura em voz alta compartilhada em grupo; e, por fim, propõe-se a conversa literária com o objetivo de dialogar sobre os sentidos produzidos pela leitura. Os resultados obtidos oferecem elementos para pensar a formação de leitores literários em espaços não formais de educação, contribuindo para futuras ações socioculturais em comunidades populares.

**Palavras-chave:** Biblioteca comunitária. Promoção de leitura. Mediação literária. Enraizamento.

**Abstract:** This paper reflects on the implementation of a library for children and youth, especially regarding the literary reading mediation practices developed. The iguaçuense children and youth library, object-description, is understood as a non-formal educational space (GADOTTI, 2005) that aims to favor the formation of literary readers while strengthening the bonds between users, rooting the community library induced by the university. As such, the main activity promoted at the site is the literary mediations, which seek to offer social and affective experiences based mainly on the contributions of Aidan Chambers (2007), adapted to the social and educational context of the new cultural equipment in a popular neighborhood on the border between Argentina, Brazil, and Paraguay. For this purpose, we problematize experiences of reading picture books that follow the concomitant steps of setting the environment, that is, preparing the space with elements that

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: [fabianasfer@gmail.com](mailto:fabianasfer@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2089-0218> — bolsista graduada — Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no período de 2021-2022.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), docente da área de Letras e Linguística da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: [mariana.cortez@unila.edu.br](mailto:mariana.cortez@unila.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2257-557X>

refer to the story to be read, then reading out loud and sharing in groups, and, finally, we propose the literary conversation with the purpose of dialoguing about the meanings produced by reading. The results obtained offer elements for thinking about the formation of literary readers in non-formal educational spaces, contributing to future sociocultural actions in popular communities.

**Keywords:** Community library. Promoting reading. Literary mediation. Rooting.

**Resumen:** Este trabajo reflexiona sobre la implementación de una biblioteca dirigida al público infantil y juvenil, especialmente centrada en las prácticas de mediación de lectura literaria desarrolladas. La biblioteca para niños y jóvenes iguaçuense, objeto-descripción, se entiende como un espacio de educación no formal (GADOTTI, 2005) que tiene como objetivo promover la formación del lector literario, mientras fortalece los vínculos entre los usuarios, con el enraizamiento de la biblioteca de la comunidad inducida por la universidad. Así, la principal actividad promovida en ella son las mediaciones literarias, que buscan ofrecer experiencias sociales y afectivas guiadas principalmente por los aportes de Aidan Chambers (2007), adaptadas al contexto social y educativo del nuevo equipamiento cultural en un barrio popular en la frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay. Para ello, se discuten experiencias de lectura de libros ilustrados que siguen las etapas concomitantes de ambientación, es decir, preparación del espacio con elementos que remiten a la historia a leer; luego, lectura en voz alta y puesta en común grupal; y, finalmente, se propone una conversación literaria con el objetivo de discutir los significados producidos por la lectura. Los resultados obtenidos ofrecen elementos para pensar la formación de lectores literarios en espacios educativos no formales, lo que contribuye con futuras acciones socioculturales en comunidades populares.

**Palabras clave:** Biblioteca comunitaria. Promoción de lectura. Mediación literaria. Enraizamiento.

## Introdução

No âmbito das bibliotecas públicas, comunitárias e temáticas, a Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense (BIJI)<sup>3</sup> tem priorizado ações de mediação de leitura literária, cumprindo a missão de incentivar o acesso e a promoção do livro, da arte e da cultura. Situada em um bairro popular de Foz do Iguaçu, no Paraná (PR), a BIJI realiza mediações culturais em um espaço não formal de educação, mas, por vezes, em diálogo com as instituições educativas do entorno (colégio estadual, escola municipal e centro de educação infantil). Desde a sua implantação, a biblioteca se tornou um “laboratório” de experiências nas áreas de promoção de leitura, mediação cultural em contexto fronteiriço e intercultural, de difusão da literatura latino-americana e de ensino de língua por meio da literatura. Da mesma forma, com a atuação de extensionistas de áreas diversas (Letras, Arquitetura, Mediação Cultural e Geografia), articulou-se novas formas de incentivo às práticas de

---

<sup>3</sup> O projeto “Vivendo Livros: construindo uma biblioteca com a comunidade” recebeu apoio do programa Universidade Sem Fronteiras (USF) da Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), Paraná, no período de 2021-2022. Este artigo apresenta os resultados do projeto.

leitura literária, por um lado, e o (re)conhecimento da comunidade de inserção do projeto de pesquisa e extensão, por outro.

Em razão de fomentos externos (bolsas para extensionistas do programa Universidade Sem Fronteiras (USF) da Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti) e bolsas de Iniciação Científica/CNPQ-UNILA), os trabalhos foram viabilizados e, conseqüentemente, o fluxo de usuários se intensificou, o que demandou muito tempo para planejar e executar as mediações de leitura literária, gerando aprendizagens na elaboração de metodologias possíveis para a mediação de leitura. Para Holliday (2006, p. 30), “Tudo só tem sentido na medida em que nos ajuda a entender como chegamos ao momento em que estamos — a partir da trajetória acumulada”. Ou seja, o projeto em análise pautou-se pelo princípio de que a experiência pode transformar contextos.

A equipe do projeto tem investido esforços a fim de sistematizar e compartilhar essas experiências com outras áreas e compartilhar saberes, buscando repensar a mediação cultural por meio de práticas inovadoras e testando vivências. Holliday (2006, p. 32) propõe a necessidade de “[...] poder realizar uma confrontação entre experiências diferentes, baseada no intercâmbio de aprendizagens, valorações qualitativas com respeito à lógica e aos elementos do processo que experimentamos”. Corroborando esta ideia, entende-se que sistematizar as experiências de promoção de leitura dão suporte para melhorar a qualidade do processo à medida em que se torna um saber difundido e propõe ações para transformação social.

Para refletir sobre os aspectos destacados, o relato de experiência, ora apresentado, está dividido nos seguintes subitens: BIJI e os modelos de bibliotecas comunitárias, nele se discute exemplos de bibliotecas, contrastando com o modelo descrito; A importância do acervo da BIJI, no qual se reflete sobre a seleção e a organização dos livros, buscando demonstrar o caminho percorrido para a aquisição e composição da coleção voltada ao público infantil e juvenil; e finalmente, Mediações de leitura literária. Neste subitem procura-se descrever o método utilizado durante as ações com a literatura, pontuando os desafios e avanços.

### **BIJI e os modelos de bibliotecas comunitárias**

De acordo com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no Brasil existem vários tipos de bibliotecas, como: escolares, públicas (municipais, estaduais e federais), comunitárias, de centros culturais, infantil, universitária, especializada, entre outras. Em comum, são espaços que oferecem livros e serviços com o objetivo de possibilitar o acesso à cultura, à informação e ao conhecimento.

No entanto, existe para cada uma delas uma organização e objetivos específicos, como é o caso das bibliotecas comunitárias, que podem ser induzidas ou apoiadas por políticas públicas e mantidas total ou parcialmente pelo Estado. Diferente dos modelos de bibliotecas institucionalmente consolidadas, as bibliotecas comunitárias são espaços que fomentam cultura, informação e agregam muitas outras funções. Pontua-se que elas nascem a partir do desejo de alguém ou de algum coletivo (conselhos de bairro, associação de moradores, centros de convivência, etc.) que pretende proporcionar à comunidade o acesso à leitura e, como característica fundamental, são organizadas e administradas pela própria comunidade. Para Cavalcante e Silva (2018, p. 109), as bibliotecas comunitárias geram memórias, uma vez que “[...] essa biblioteca atua e é dela que se alimenta de informações e memórias e, conseqüentemente, de onde retira sua força e identidade como projeto social autônomo e participativo”. O encontro e diálogo possível na biblioteca podem construir pontes entre os indivíduos-usuários deste equipamento cultural.

Machado e Vergueiro (2010, p. 6) alertam, por outro lado, que “[...] a biblioteca comunitária surge como um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes, passando praticamente despercebida pela academia”. A reflexão das autoras questiona o papel da universidade nos debates, nas discussões e ações em relação às bibliotecas comunitárias, pontuando que esses equipamentos culturais surgem do próprio desejo da comunidade com o objetivo de ser um espaço coletivo, no qual o Estado (poder público e academia) pouco se compromete. Contudo, a experiência descrita e analisada neste artigo mostra o poder de indução de uma ação de extensão universitária e, de certa maneira, questiona o afirmado, demonstrando o papel que a universidade pode desempenhar conjuntamente com as comunidades. Vale destacar que em bairros populares os trabalhadores podem não dimensionar a importância das artes e da cultura em suas vidas, pois, evidentemente, as condições de trabalho e de vida não permitem acessar estas práticas.

Assim, respondendo a constatação de Kipper, Machado e Vergueiro (2010), o projeto de extensão descrito induziu a necessidade e a implementação da biblioteca como equipamento significativo no bairro e vem procurando encontrar o seu lugar nas demandas na comunidade. A universidade, neste caso, vem acenando para um novo propósito das ações de extensão como um instrumento que busca tornar as comunidades mais atuantes e apropriadas do direto à literatura e às artes. O bairro que abriga a BIJI não dispunha de equipamentos de cultura, arte e lazer, assim como nas adjacências. Foz do Iguaçu é uma cidade com atividade comercial voltada para o turismo e os bairros relativamente mais distantes das atrações, como é o caso da Vila C nova, pouco são atendidos neste sentido. Este cenário não colabora com o engajamento dos bairros populares em

atividades culturais, deixando a comunidade muitas vezes alijada do que é oferecido no centro, seja de cultura popular ou ampliada a outras formas de arte que são fundamentais para ao cidadão.

Por isso, a implementação da biblioteca em um bairro popular e distante do centro contribui tanto para a disponibilização e aproximação das artes como para o registro de memória e identidade locais. Esse processo ocorre, pois são nesses espaços de convivência e encontros comunitários que as pessoas podem conversar, expor suas angústias e seus sonhos, conforme apontam Cavalcante e Silva (2018, p. 111):

[...] visualizar a biblioteca como uma espécie de comunidade em que se encontram acervos diversos e nela, além de documentos, há linguagens que se manifestam nas memórias e vozes das pessoas, identidades, culturas e saberes, [...] se aproxima, de modo especial, da natureza conceitual de uma biblioteca comunitária, cuja expressão se confunde com a própria comunidade em que se insere, pois incorpora sua cultura, tradições e memórias.

Ainda no que diz respeito à importância da função das bibliotecas comunitárias para a sociedade, é certo que propagam o conhecimento de maneira mais interativa, democrática e participativa, essencial para a melhoria das condições de vida em bairros populares. Vários autores, como Vieira (2007), Machado (2008), Silva (2011), Botelho (2010), Petit (2009) e Duque, Cortez (2021) destacam essa contribuição. Para Calil Junior et al. (2018, p. 45), são “[...] espaços estratégicos e potenciais para colaborar com a transformação do país”, pois garantem ou minimizam perdas de direitos, buscando dirimir as desigualdades sociais em relação à cultura e à educação.

Sob o mesmo ponto de vista, Machado (2005, p. 116) afirma que “A biblioteca por sua vez pode se constituir em um espaço privilegiado para a intervenção social e o desenvolvimento de mediação de leitura. [...] a biblioteca tem tudo para estar na vanguarda da luta contra exclusão social”. Sobretudo, dentre tantas funcionalidades promovidas pelas bibliotecas, destaca-se a missão de formar uma sociedade leitora e, assim, contribuir para minimizar desigualdades sociais, econômicas e principalmente culturais.

Como agentes externos à comunidade, a equipe do projeto de extensão tem por objetivo promover o enraizamento na e da comunidade na biblioteca. Para tanto, segue-se a orientação de experiências bibliotecárias de Kely Louzada, da biblioteca Atelier das Palavras, da rede Conexão Leitura, e que propõe que “Enraizamento Comunitário é estar disponível para esse lugar, para a comunidade!”<sup>4</sup>, conforme aponta Márcia Cavalcante et al. (2018, p. 74). Partindo do depoimento

---

<sup>4</sup> A citação foi retirada do material didático “O papel das bibliotecas comunitárias na formação leitora”, Itáú Social, podendo ser consultado apenas na plataforma do curso virtual. Disponível em:

de vivência da bibliotecária, compreende-se que as experiências empíricas e as reflexões sobre elas são diretrizes teórico-práticas do projeto ora em análise. É preciso apropriar-se da ideia de enraizamento, segundo as declarações de Louzada nas reflexões de “Expedição de leituras” descritas por Cavalcante et al. (2018, p. 74), que orientam: “Enraizar é possibilitar que as bibliotecas se fortaleçam em cada território, criem vínculo e troquem experiências com as pessoas da comunidade”. Assim, cada vez mais as pessoas poderão consolidar suas ações de promoção à leitura, engajar mais indivíduos comprometidos com a causa e intensificar a garantia da leitura e literatura como direito humano.

Seguem-se por esses motivos as orientações finais do artigo “Enraizamentos comunitários: pertencimento e participação”, de Silva, Cavalcante e Costa (2018, p. 40), que indicam alguns caminhos para promover o enraizamento, são eles: a integração das famílias nas atividades de leitura; a mobilização dos moradores da comunidade para participarem das programações da biblioteca; a sensibilização da comunidade para o trabalho voluntário na biblioteca (pintura, reparos elétricos e hidráulicos, reforma de mobiliário, etc.); a integração da população no tocante às ações da biblioteca, a outros eventos e ações da comunidade (reuniões de pais, iniciativas das associações de moradores, dos CRAS – Centro de Referência em Assistência Social, etc.); a ocupação dos espaços da comunidade com atividades de leitura (escolas, comércios, praças, hospitais, etc.); a criação de uma rotina de funcionamento com horários definidos, para que o leitor saiba quando a biblioteca está aberta, levando em consideração as demandas da comunidade; as parcerias com as escolas públicas e privadas que estão no entorno da biblioteca e com os coletivos da comunidade (associação de moradores, líderes comunitários, etc.).

Dessa forma, a BIJI vem desenvolvendo seus trabalhos para que a comunidade se aproprie do novo equipamento, utilizando as mediações de leitura para formar leitores, para construir uma memória comunitária e colaborar para a conservação da cultura no bairro. Logo, fica evidente o significativo papel da biblioteca como instituição de educação não formal na emancipação do cidadão em busca de seus direitos.

### **A importância do acervo da BIJI: a seleção e a organização**

Desde a sua inauguração, a BIJI vem formando uma coleção de livros voltada ao público infantil e juvenil. Por meio de verbas de editais de incentivo à leitura, prêmios e de doações de

---

<https://polo.org.br/multiletramentos/formacao/181/o-papel-das-bibliotecas-comunitarias-na-formacao-leitora>. Acesso em: 7 jun. 2023.

peessoas físicas, a BIJI seleciona obras a partir dos seguintes critérios: diversidade de temáticas, qualidade literária e gráfica, características artísticas que mobilizam e sensibilizam os leitores. Destaca-se o cuidado com a seleção no que diz respeito às temáticas étnico-raciais, de gênero e de inclusão.

Entende-se que a qualidade literária de obras voltadas ao público infantil e juvenil demanda conhecimento técnico definido por meio de processo extenso de critérios de qualidade, como estéticos, artísticos, ilustrações, temática, acessibilidade, gênero textual, aspectos estes fundamentais para compor um acervo diversificado e de excelência, segundo afirma Paiva (2016, p. 13).

Atualmente a BIJI possui um acervo de mais de 1.150 livros adquiridos por meio de verbas de editais de investimentos à cultura com base nos indicadores de seleção de qualidade acima mencionados. Deste acervo, 400 obras são para o público juvenil/adulto (Figura 1), contendo clássicos da literatura, mangás, quadrinhos, ficção, gibis, romances, ficção histórica, aventuras, etc.

Com foco na literatura infantil, a biblioteca possui mais de 750 livros voltados a esse público, conforme mostram as Figuras 2 e 3. Por ser um pequeno acervo, não é possível realizar empréstimos, por isso não se pode atender uma das demandas mais pedidas pelos usuários. Outro fator é que, para realizar empréstimos, são necessários investimentos em sistemas de controle, disponibilização de recursos humanos em maior período, o que ainda não é possível. Por estar situada em uma região de fronteira e atender hispanofalantes oriundos dos países limítrofes, o acervo dispõe de literatura infantil e juvenil em língua espanhola.

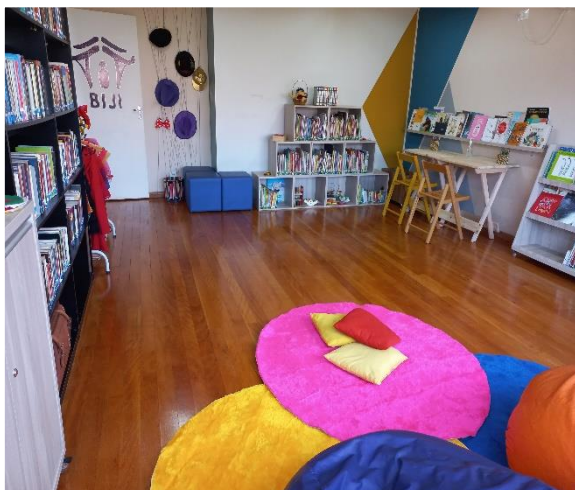
Figura 1 – Acervo juvenil/adulto da BIJI



Fonte: Autores.

Figura 2 – Acervo infantil da BIJI

Figura 3 – Acervo infantil da BIJI



Fonte: Autores.



Fonte: Autores.

### Mediações culturais e práticas de leitura



As atividades ofertadas pela BIJI propõem uma metodologia de aproximação a partir da mediação de leitura literária como forma de transformação social e seguem as diretrizes de políticas para a promoção da leitura. Entre os aportes teóricos que corroboram suas práticas estão: Manifesto da Biblioteca Pública da *International Federation of Library* (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (IFLA, 2022) sobre bibliotecas públicas, acerca dos aspectos para criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças desde a primeira infância; Petit (2008, p. 134), referente ao processamento da leitura no intelecto e o efeito que causa; e, por fim, Targino (2020, p. 6), quando categoriza a leitura em criativa ou crítica, sobre o planejamento das práticas de mediação de leitura.

A mediação de leitura literária é o procedimento de operação essencial das bibliotecas comunitárias, em que materiais, dinâmicas e recursos concomitantes à prática discursiva são fornecidos e, a partir disso, cada indivíduo constrói seu próprio sentido de leitura literária e conversa coletiva. Ao mesmo tempo é um trabalho que envolve desde a escolha da obra, o autor, a conexão com a identidade, a proposta literária e a/s concepção/ões de linguagem/s.

Entende-se que a literatura, nesse contexto, oferece meios inerentes ao processo cognitivo (PIAGET, 1971) e se centra no sociointeracionismo (VYGOTSKY, 1991), em que a imaginação é despertada para ampliar conhecimentos e melhorar condições do encontro com outras pessoas e, por conseguinte, possibilitar aprendizagens. Petit (2008, p. 134) descreve todo o processamento da leitura no intelecto e o efeito que causa:

Más ampliamente, lo que describe la gente, cualquiera que sea su pertenencia social, cuando evoca las lecturas importantes de su vida, es a menudo eso: de vez en cuando una frase “nos lee”, nos da noticias sobre nosotros mismos; despierta nuestra interioridad, pone en movimiento nuestro pensamiento, y, como eco de las palabras del autor, nos llegan palabras inéditas. Se refieren a todo un proceso de simbolización, una actividad psíquica ...Y éste encuentra allí, algunas veces energía, la fuerza de salir de un contexto donde estaba trabado, de diferenciarse, de trasladarse a otra parte<sup>5</sup>.

Sabe-se que tanto a leitura como a produção textual têm contribuições para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional e, portanto, são práticas essenciais no processo educativo formal e não formal proposto em uma comunidade. Mesmo assim, formar leitores é um

---

<sup>5</sup> Mais amplamente, o que as pessoas descrevem, qualquer que seja sua condição social, quando evocam as leituras importantes de suas vidas, muitas vezes é isso: de vez em quando uma frase “nos lê”, nos dá notícias sobre nós mesmos; desperta a nossa interioridade, põe em movimento o nosso pensamento e, como eco das palavras do autor, novas palavras nos chegam. Referem-se a todo um processo de simbolização, uma atividade psíquica... E encontra ali, às vezes energia, a força para sair de um contexto onde estava preso, para se diferenciar, para se deslocar para outro lugar (PETIT, 2008, p. 134, tradução nossa).

grande desafio, sobretudo formar leitores conscientes do impacto social dessa prática, especialmente na sensibilização com o outro e seus territórios.

É nesse contexto que a literatura transcende disparidades, propiciando imaginação para criar mundos. De acordo com Silva (2020, p. 38), a literatura e a arte atuam como um “refúgio” e, para Petit (2008), ela é capaz de gerar sensações de desopressão mesmo em realidades socioculturais diferentes. Ao considerar os referidos aspectos, entende-se que todo o mecanismo de atuação da leitura podem ser espaços de mediação coletiva: “[...] ao ouvir uma história que o leitor transforma a história e é transformado por ela, quanto mais relações o leitor (ou grupo de leitores) consegue estabelecer mais ele atuará sobre o texto no ato da leitura/escuta/produção, na medida em que será capaz de preencher os espaços deixados pelos textos” (SILVA, 2020, p. 25).

Nesse sentido, o trabalho de mediação literária na BIJI contribui para a formação de pessoas socialmente integradas e conscientes de suas identidades para além dos espaços de educação formal e não formal. Da mesma maneira, vale ressaltar o papel do mediador na condução de experiências de leitura e com as artes, pois se entende que estas oferecem uma possibilidade de expandir o repertório cultural das crianças e dos jovens. Por meio de práticas da simbolização das metáforas e de conversas literárias, busca-se uma conexão com o íntimo e expansão do coletivo. Esta é a principal proposta das conversas literárias promovidas pela BIJI.

Chambers (2007) propõe um enfoque que será recuperado pelas mediações literárias desenvolvidas pela BIJI, apesar de o pedagogo inglês realizar suas experiências em escolas. Inicialmente, como eixo estruturante, ele propõe o “Círculo de Leitura”, no qual o facilitador (o mediador) está no centro do processo e interliga a seleção de livros, o ambiente de leitura (como o livro será oferecido às crianças) e a resposta leitora por meio de conversas formais e informais com os leitores em formação. Com o objetivo de estruturar a conversa, ele propõe os seguintes blocos de perguntas motivadoras: as básicas, as gerais e as especiais, como, por exemplo, o que gostou na/da história? O que não gostou? O que causou estranhamento? Quais outras histórias você lembrou enquanto ouvia o texto? Quando você viu o livro, qual foi a sua expectativa? Confirmou-se? Já no aspecto de atividade social, para uma leitura compartilhada, lança-se mão de perguntas como: o que você diria ao seu companheiro sobre o livro? Você se surpreendeu com algo que seus colegas falaram? Tais questionamentos auxiliam no aprofundamento do ato de ler e na atribuição de sentido realizada durante a leitura, ao mesmo passo que propõe uma forma de organização compartilhada e comunitária de leitura.

Tendo como referência o enfoque de Chambers (2007), a dinâmica das atividades transcorre da seguinte forma: após eleger os livros em reunião, cada mediador ou dupla elabora sua proposta contendo a *ambientação* do espaço que será preparado para “dar pistas” da história a ser

contada, geralmente dispendo de elementos do livro, nunca prontos, acabados, exatos, mas capazes de instigar a curiosidade. As Figuras 4 e 5 mostram o espaço preparado para receber os leitores.

Figura 4 – Ambientação no espaço da BIJI



Fonte: Autores.

Figura 5 – Composição da ambientação



Fonte: Autores.

Na etapa de leitura em voz alta, conforme mostram as Figuras 6 e 7, quase sempre o mediador usa a leitura como promotora de vínculos sociais, indagando e estimulando por meio de perguntas para que as crianças falem a respeito da história e das mais diversas possibilidades de criação de sentidos. Essa dinâmica é possível, pois o número de participantes é pequeno, no máximo 15 pessoas, que se sentam nas almofadas ou tapetes em volta do mediador. Finalmente, os mediadores lançam mão de práticas artísticas: argila, fanzines, origamis, etc. que têm o intuito de “materialização” dos sentimentos e reflexões provocados pela leitura em voz alta.

Figura 6 – Leitura em voz alta

Figura 7 – Mediação na BIJI para escola do bairro



Fonte: Autores.



Fonte: Autores.

### Mediações na BIJI: um processo

É importante pontuar que o processo de enraizamento comunitário se dá de forma gradual, pois o essencial é levar em conta os contextos em que a comunidade que recebe a biblioteca está inserida. Sempre tendo em conta, neste caso, as características do território de fronteiras linguística, cultural e social. Uma das atividades mais desafiadoras para a BIJI, e certamente para todas as bibliotecas, é fazer com que os moradores se apropriem do espaço, tornem-se leitores, apreciadores das artes e usuários assíduos para que futuramente sejam agentes gestores da biblioteca em sua concepção comunitária.

Desde 2020, a equipe desempenha atividades para fomentar o enraizamento de usuários, porém ainda não há um fluxo grande, mas essa realidade vem mudando, através de panfletagem, visitas às escolas, promoção das atividades de forma virtual. Hoje, a biblioteca conta com cerca de 200 visitas mensais (dados obtidos por controle de usuários), sendo que a maioria são frequentadoras das atividades especiais aos sábados. Depois das parcerias com as instituições de ensino, pode-se considerar um aumento significativo de frequentadores do espaço.

Considerando o pouco tempo de implantação da BIJI na comunidade (apenas dois anos), e outras adversidades, como a pandemia de covid-19 que cessou as atividades presenciais, a biblioteca cumpriu e vem cumprindo o imprescindível compromisso do direito à informação, à leitura e às artes. Especialmente por se tratar de uma comunidade em um bairro popular, muitas crianças e jovens ficaram um longo tempo em casa convivendo com a violência, a defasagem escolar, a ausência de socialização, entre outras. Em decorrência dessa realidade, as mediações literárias tomaram um caráter mais afetivo e de escuta social, e reforçaram o objetivo de garantir o direito à educação e às artes.

No campo das mediações, as bibliotecas têm uma função na transformação social, o que não é medido de forma simples. Diferentemente dos impactos quantitativos, mensurar os efeitos das ações da biblioteca nas pessoas demanda encontros, trocas, conversas e vivências.

## Referências

- BOTELHO, C. do N. A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias. 2010. 53f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) –Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/marce/Downloads/43-108-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/marce/Downloads/43-108-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 11 set. 2022.
- CALIL JUNIOR, A. *et al.* Bibliotecas comunitárias: entre saberes e fazeres. *Raízes e ramos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 43-55, 2018. Disponível em: <http://seer.unirio.br/raizeseramos/article/view/7816>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CAVALCANTE, L. E.; SILVA, A. P. C. da. *Biblioteca Comunitária, memória e informação: Aproximações teóricas*. Fortaleza: **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36850>. Acesso em 17 ago. 2022.

CAVALCANTE, M. *et al.* Enraizamento comunitário: pertencimento e participação. In: HONORATO, C. *et al.* (org.). *Expedição leituras: tesouro das bibliotecas comunitárias do Brasil*. São Paulo: Fundação Itaú Social; Instituto C&A, 2018. p. 71-82.

CHAMBERS, A. *Dime – los niños, la lectura y la conversación*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2007.

DUQUE, N.; CORTEZ, M. *Leituras, bibliotecas e escolas: a mediação sobre outras perspectivas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. In: INSTITUT INTERNACIONAL DES DROITS DE L'ENFANT. Sion. *Anais [...]*. Sion, 2005. p. 1-11.

HOLLIDAY, O. J. *Para sistematizar experiências*. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2022.

IFLA. *IFLA/UNESCO Public Library Manifesto 2022*. IFLA, 2022. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/123456789/2006>. Acesso em: 6 jan. 2022.

KIPPER, L. M.; VERGUEIRO, W. C. S.; MACHADO, E. C. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. CRB8 Digital, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9501>. Acesso em: 09 jun. 2022.

MACHADO, E. C. Identidade cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. *Sociedade Estudos*, [S. l.], v. 15, n. 2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/34>. Acesso em: 20 set. 2022.

\_\_\_\_\_. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.27.2008.tde-07012009-172507. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>. Acesso em: 04 abr. 2022.

PAIVA, A. Livros infantis: critérios de seleção – as contribuições do PNBE. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Coleção leitura e escrita na educação infantil*. 1. ed. Brasília: MEC, 2016.

PETIT, M. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *El derecho a la metáfora en Signo e Señã*. n. 19, UBA, jul. 2008. p. 131-144. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=46316&forceview=1>. Acesso em: 29 jan. 2022.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo: Zandar, 1971.

SILVA, A. C. P. de O. da. *É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95684>. Acesso em: 26 nov. 2021.

\_\_\_\_\_; CAVALCANTE, L. E.; COSTA, M. de F. O. O diálogo entre biblioteca e comunidade: um estudo de caso acerca do perfil e das percepções dos usuários das Bibliotecas Comunitárias de Itaitinga, Ceará. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 39-54, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22547>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SILVA, E. A. K. da. *Leitura literária em contextos escolares diversos: acesso, mediação e resistência*. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana de Arte, Cultura e História, Foz do Iguaçu, 2020.

TARGINO, M. D. G. Mediação cultural e da leitura como estratégia de inclusão social: bibliotecas comunitárias. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, [S. l.], v. 16, p. 1-17, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/141204>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VERGUEIRO, W., MACHADO, E. C. *Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil*. CRB-8 Digital, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 3-11, ago. 2010 | <http://revista.crb8.org.br>

VIEIRA, Heloisa Maria. *Bibliotecas comunitárias em Belo Horizonte: atores em cena*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-79CNHN/1/dissertacaoheloisa.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em: 27/2/2023

Aprovado em: 12/6/2023